

Pragas das palmeiras ornamentais e industriais III: Lagartas urticantes (taturanas)

Francisco José Zorzenon
zorzenon@biologico.sp.gov.br
Centro de P&D de Sanidade Vegetal

Número 196 - 25/11/2013

Em meados do século XVI, observações sobre a importância das lagartas urticantes e suas relações com o homem foram notificadas pelo Padre José de Anchieta (1554 - 1594) em *Cartas e Sermões*. Após sua chegada ao Brasil, teve seus primeiros contatos com esses peculiares insetos, relatando-os com relativa fidelidade e fazendo observações valiosas a respeito dos costumes dos povos indígenas da época, relacionados às taturanas. O nome popularmente conhecido como taturana é proveniente da palavra do vocabulário indígena "tata-rana", que significa "semelhante ao fogo" (tata = fogo; rana = semelhante).

O termo lagarta de fogo, também muito utilizado, visa demonstrar que determinadas cerdas de algumas espécies de lagartas pertencentes às famílias Saturniidae, Megalopygidae, Arctiidae e Limacodidae são urticantes, quando em contato com a epiderme humana, podendo causar a sensação dolorosa semelhante à provocada em queimaduras por substâncias químicas cáusticas ou fogo. Esses acidentes podem gerar desconforto e, em certos casos, processos eritematosos, edemaciantes e, muitas vezes, reações alérgicas graves, como enfartamento ganglionar e edema de glote.

As lagartas urticantes possuem cerdas especializadas como meio passivo de defesa contra predadores ou agressores, muito diferente do método utilizado pelas abelhas e vespas, que consiste em ferroar ativamente as vítimas. Muitos acidentes ocorrem devido ao fato das lagartas normalmente serem aposemáticas (vistosas, de coloração chamativa) e, na maioria das vezes, possuírem cerdas atraentes ao toque. O ciclo biológico completo, de ovo a adulto, é bastante diversificado, dependendo de cada espécie, podendo variar de alguns meses a pouco mais de um ano. Dentro da família Arctiidae, apenas a espécie *Premolis semirufa*, vulgarmente conhecida por pararama, tem importância médica. O adulto é uma mariposa inofensiva, de asas de coloração amarela e rosa. A lagarta pode atingir até 40 mm de comprimento, possui coloração sóbria com manchas esbranquiçadas e a parte ventral e as falsas pernas são avermelhadas. Estas lagartas, encontradas na região Norte de nosso País, ocorrem normalmente em plantios de seringueira, ocasionando danos aos trabalhadores desta cultura. A pessoa acidentada apresenta inchaço, dores e imobilidade das articulações. Apesar dessa espécie não ser uma praga exclusiva em palmeiras, considera-se a sua importância em plantios comerciais de palmeiras entre ruas de seringueira.

As espécies do gênero *Acharia* (= *Sibine*), da família Limacodidae, são popularmente conhecidas como lagartas-tanque ou lagartas-lesma. A espécie *S. fusca* é bastante comum em plantações de dendezeiro, sendo uma desfolhadora regular. As lagartas, que podem atingir até 20 mm de comprimento, são muito urticantes e apresentam grupos de cerdas curtas e em determinadas regiões do corpo. São encontradas em palmáceas, cacaueiros e em frutíferas como limoeiros, laranjeiras, goiabeiras entre outras. Locomovem-se por meio de ondulações da parte ventral do corpo.

Espécies da família Megalopygidae podem ter coloração variando do preto ao vermelho; alguns grupos de cerdas são sedosos lembrando a pelagem animal. Alguns nomes vulgares são dados para essas lagartas como taturana-cachorrinho, taturana-de-flanela, taturana-gatinho, chapéu-armado, taturana-urso e bicho-cabeludo. Os principais representantes são *Podalia orsilochus*, *Megalopyge albicollis*, *M. lanata* e *M. uruguayensis*. Em algumas espécies de Megalopygidae, a fase de pupa pode perdurar por quase um ano. As lagartas da família Saturniidae são extremamente comuns tanto em áreas urbanas quanto em áreas rurais, alimentando-se de folhas de palmeiras, fruteiras e plantas ornamentais em geral.

As espécies dos gêneros *Automeris*, *Leucanella* e *Dirphia* são as mais comuns, destacando-se ainda pela grande importância na área da saúde os gêneros *Hylesia* e *Lonomia*. As lagartas do gênero *Hylesia* também causam "queimaduras" quando tocadas, mas é no adulto onde se detém a real importância. As fêmeas adultas da mariposa possuem cerdas específicas em seu abdome que, em contato com a pele humana, levam a um prurido intenso, com a formação de pequenas bolhas ou pápulas. A este acontecimento dá-se o nome de lepidopterismo.

A espécie *Lonomia obliqua*, constante foco de estudos, possui grande importância na área de saúde. Quando a vítima entra em contato com as cerdas de *Lonomia*, seu veneno provoca um desequilíbrio no sistema de coagulação sanguínea podendo, em alguns casos, culminar na chamada síndrome hemorrágica, levando o acidentado a hemorragias intensas (cutânea, cerebral, etc.), insuficiência renal e morte.

De um modo geral, as cerdas, encontradas nas formas imaturas de lepidópteros, são estruturas muito esclerotizadas (rígidas) formadas por expansões do tegumento e, quando urticantes, são conjugadas às glândulas veneníferas basais ou apicais, conforme a família a que pertencem. Em Megalopygidae e em Arctiidae as cerdas urticantes encontradas são do tipo verrucae, ou seja, onde várias cerdas são conjugadas em grupo a uma glândula basal comum a todas. Essas cerdas são geralmente de pequeno porte e encobertas por outras muito longas, não urticantes. Em Saturniidae, as cerdas urticantes são do tipo scolus, estruturalmente altas e muito ramificadas, semelhantes grosseiramente a pequenos pinheiros. Em Limacodidae, as cerdas também são predominantemente do tipo scolus, mas de porte mais baixo e com menos ramificações. A cerda tipo scolus é provida de inúmeras setas, cada qual com sua respectiva glândula apical, ligada também a um ducto por onde o veneno secretado e acumulado pode fluir.

As pupas de muitos gêneros de lagartas urticantes são protegidas por casulos, verdadeiras malhas de seda secretada, adicionada de cerdas pela lagarta em seu último estágio de desenvolvimento ou em sua fase de pré-pupa. Esta malha protetora de seda e cerdas também pode causar acidentes quando tocada. Acidentes ocorrem devido a esses insetos possuírem cerdas atraentes ao toque e serem muitas vezes vistosos, apesar da coloração de advertência, sendo as crianças o principal grupo de risco. O gregarismo geral entre as lagartas agrava ainda mais este fato.

Em caso de acidente com lagartas urticantes, o acidentado deve colocar gelo no local de afetado o mais rápido possível e, na ausência deste, a aplicação de água em abundância é o mais indicado. O veneno presente nas cerdas das lagartas e mesmo em ferrões de outros insetos tais como abelhas e vespas é, normalmente, hidrossolúvel. A utilização de pomadas para queimaduras, pasta de dente, álcool ou amoníaco não é recomendada. Caso o acidentado seja sensível e sentir-se mal, apresentando enfartamento ganglionar, febre e início de edema de glote, a procura de um médico deverá ser imediata.

As lagartas urticantes de um modo geral são desfolhadoras de inúmeras espécies vegetais e comumente são encontradas em palmeiras e árvores urbanas, além de arbustivas, causando danos pouco significativos em baixas infestações. O maior dano é focado na possibilidade de acidentes pelo contato com as lagartas no manuseio das plantas. Os gêneros *Dirphia* e *Automeris* (Saturniidae), *Megalopyge* (Megalopygidae) e *Acharia* (Limacodidae) e as espécies *Hylesia paulex* (Saturniidae) e *Podalia orsilochus* (Megalopygidae) são os mais encontrados infestando *Euterpe edulis* (juçara), *E. oleracea* (açai), *Bactris gasipaes* (pupunheira) dentre muitas outras palmáceas. Lagartas do gênero *Lonomia* são mais raramente

encontradas.

Apesar da inexistência de inseticidas químicos ou biológicos registrados, o uso do controle biológico (agentes entomopatogênicos) é muito satisfatório e eficiente para a maioria das espécies de lagartas urticantes.

A bactéria *Bacillus thuringiensis* var. *kurstaki* e o fungo *Beauveria bassiana* são eficientes e deverão ser aplicados ao entardecer. As folhas deverão ser molhadas abundantemente com o uso de atomizadores ou pulverizadores costais, pressurizados ou motorizados acoplados a barras extensoras. A aplicação deverá ser feita tomando-se o cuidado em instalar, após a sua execução, sombrites ou telas de proteção sob as plantas tratadas, evitando assim que a queda desses insetos possa causar acidentes aos transeuntes.

Referências

Alves, S.B. (coord.) *Controle microbiano de insetos*. Piracicaba: Manole, 1986. 407p.

Costa, J.M. *Pragas das palmeáceas*. Instituto de Pesquisas Agropecuárias do Leste, 409-411. 1973.

Ferreira, J.M.S.; Warwick, D.R.N.; Siqueira, L.A. *Cultura do coqueiro no Brasil*. Sergipe: Embrapa - SPI, 1994. 309p.

Gallo, D. *et all*. *Entomologia agrícola*. Piracicaba, Fealq. 2002. 920p.

Lepesme, P. *Les insectes des palmier*. Paris. Paul Lechevalier, 1947. 899 p.

Lorenzi, H.; Souza, H. de M.; Costa, J.T. de M.; Cerqueira, L.S.; Ferreira, E. *Palmeiras brasileiras e exóticas cultivadas*. Inst. Plantarum, Nova Odessa, 2004. 432p.

Zorzenon, F.J. Principais pragas das palmeiras In: Alexandre, M.A.V; Duarte, L.M.L.; Campos-Farinha, A.E. de C. *Plantas ornamentais: doenças e pragas*, Cap. 10 p. 207-247, 2008.



Lonomia obliqua

(uploads/artigos/196/1.jpg)



Saturniidae Leucanella splendens

(uploads/artigos/196/2.jpg)



Megalopygidae Podalia

(uploads/artigos/196/3.jpg)



Limacodidae

(uploads/artigos/196/4.jpg)



Automeris naranja

(uploads/artigos/196/5.jpg)